

## ESTÓRIAS DA CASA GRANDE DAS MINAS JEJE<sup>1</sup>

Sergio F. Ferretti

Dr. em Antropologia

Nos últimos setenta anos, muito foi escrito e publicado sobre a Casa das Minas do Maranhão por sociólogos, antropólogos, lingüistas, musicólogos, fotógrafos, artistas, escritores, jornalistas e outros profissionais, além de estudantes e visitantes do Brasil e do exterior, mas, como disse o lingüista Edmundo Correa Lopes, que realizou pesquisas nesse terreiro em fins da década de 1930, “apesar do muito que já foi coletado, também receio que o Querebentã de Zomadonu nunca venha a ter o estudo que merece, pois há aspectos que até hoje não foram estudados, sobretudo por especialistas em etnomusicologia, etnolingüística, entomedicina, mitologia e outras áreas.

Ainda fico emocionado ao lembrar, em inícios da década de 1970, os primeiros contatos que mantive com essa comunidade religiosa através de sua então dirigente, Dona Amância Evangelista de Jesus, que, desde criança, na primeira década do século vinte, recebia sua senhora, a vodum Nochê Boça. Lembro de longas conversas que tivemos e não me esqueço de duas coisas que ela me disse. Fazendo muitas perguntas na intenção de melhor conhecer a Casa das Minas sobre a qual eu já havia lido tanto em livros de Nunes Pereira, Octávio da Costa Eduardo, Roger Bastide, Pierre Verger e de outros autores, Dona Amância me respondeu que não adiantava a minha curiosidade afoita, pois há segredos e mistérios na Casa das Minas. “Aqui é uma de maçonaria de negros”, disse ela. A preservação dos segredos é uma das razões da continuidade quase bi-secular desse terreiro em São Luís, quando no Brasil existem tão poucas instituições conhecidas que funcionam regularmente há mais de cento e sessenta anos e que podemos contar, talvez, nos dedos da mão.

Continuando a fazer perguntas, Dona Amância respondeu que sua senhora, a entidade de quem era filha, pertence à família dos voduns da terra, que protegem contra a peste e as doenças graves. Em minha ignorância, eu que pouco sabia das histórias do Maranhão, retruquei que a peste era uma doença que havia apavorado as populações da Idade Média e que quase não tinha importância no mundo atual. Conversando comigo na porta da Casa, na Rua de São Pantaleão, Dona Amância apontou para um grande sobrado em ruínas que existe ainda ali perto, próximo ao Largo de São Tiago, e contou que, na primeira década do século XX, quando era uma criança, todas as pessoas de uma família que moravam ali morreram da peste que assolou a cidade. Lembrei, então, que a mãe de minha mãe também morreu, no Rio de Janeiro, em 1918, na época da febre espanhola, peste que atingiu quase o mundo inteiro após a Primeira Guerra Mundial. Também lembrei que existem, ainda, muitas doenças graves que atacam pessoas de todas as classes sociais, como a dengue, tão freqüente no século XXI, AIDS e outros males, daí a atualidade e importância dos voduns da terra. Anos mais tarde, acabei oferecendo um banquete aos cachorros, ritual que faz parte das obrigações para esses voduns, por uma graça alcançada<sup>2</sup>.

Assim, fui aos poucos conhecendo mais os voduns da Casa das Minas, como os da família de Odam, também chamada de Dambirá - os filhos de Aossi-Sakpatá -, que constituem o panteon da terra e protegem contra a peste e as doenças graves. Entre eles se incluem Toi Lepon, o irmão mais velho, vodum da atual chefe da Casa; Toi Pobiboji, vodum protetor de Mãe Andresa, a mais famosa mãe-de-santo do Maranhão, que dirigiu a Casa das Minas na primeira metade do século XX; Toi Boçucó, que se esconde num termiteiro e se transforma numa serpente; Toi Alogue, que se metamorfoseia num sapo e outros voduns de Dambirá, de grande importância na Casa.

A família é chefiada pelos três irmãos: Aossi, Azili e Azonce, que, no sincretismo, são representados por São Lázaro, São Roque e São Sebastião, santos católicos invocados contra a varíola e a peste. Os voduns dessa família são agradados pelas vodunsis, que lhes oferecem alimentos preparados com pombo, catraio, abobó com feijão e milho, entre outras comidas. Alguns deles dançam com as mãos em garra, como aleijados. Os filhos desses voduns possuem muitas interdições alimentares. Não devem comer arraia, sarnambi, caranguejo, jaboti e outros alimentos remeros e nada que leve gergelim. A festa para Toi Aossi acontece a 20 de janeiro - dia de São Sebastião -, e é uma das mais importantes no Tambor de Mina. Por causa dos Aossi, os Jeje não podem comer carne de carneiro.

<sup>1</sup> Texto publicado no folheto Casa das Minas, Querebentã de Zomadonu. São Luís: IPHAN, 2008, p 15-24.

<sup>2</sup> Quando fui curado após uma primeira cirurgia por doença grave que vim a contrair.

Certa vez me contaram uma bonita estória sobre São Lázaro, que no sincretismo é conhecido nas religiões afro, em diferentes regiões na Costa da África, com os nomes de Acossi-Sakpatá, Obaluaê, ou Xapanã. Trata-se de um mito que ilustra suas relações de amizade com Omolu e Xangô (orixá Nagô - Toi Badé entre os Jeje) e explica as preferências alimentares de seus seguidores, respectivamente pelo bode e pelo carneiro.

Segundo conta a lenda, Acossi gostava de festas, teve muitas mulheres e contraiu uma doença grave. Ficou coberto de chagas e se escondia de todos com vergonha. Encontrou seu grande amigo Badé, que, penalizado, o curou. Em agradecimento pela cura, Acossi prometeu que daí em diante nunca mais comeria carne de carneiro, o alimento que mais apreciava, e passaria a consumir carne de bode, comida de que seu amigo Badé tanto gostava. Emocionado, Badé respondeu que gostava muito de comer bode, mas dali em diante só comeria carne de carneiro como uma deferência a seu amigo Acossi. Por isso até hoje, em toda a África e nas Américas, o povo Jeje é proibido de comer carneiro e consome carne de bode. Em contrapartida, seus vizinhos Nagôs só podem comer carne de carneiro e abominam o bode.

Anos depois, trabalhando no projeto de dissertação de mestrado que estava planejando escrever, Dona Deni, então responsável pela Casa, soube que eu pretendia estudar dois terreiros em São Luis, a velha Casa das Minas e outro mais novo, em expansão, fundado há cerca de trinta anos. Ela disse que eu tinha de escolher e me dedicar a conhecer bem uma Casa, pois entre os Jeje não se pode servir a dois senhores. Entendi a mensagem, alterei meu projeto de pesquisa e concluí o mestrado com êxito, tendo publicado, em 1985, um livro no qual destaco aspectos africanos da Casa das Minas. Passado algum tempo, preparei tese de doutorado sobre o mesmo tema e, dez anos depois, publiquei outro livro analisando a presença do sincretismo religioso e destacando os elementos afro-brasileiros da Casa das Minas.

Mais de meia dúzia de livros e dezenas de artigos, dissertações e teses foram escritos e publicados sobre o Querebentã de Zomadonu, que continua despertando a curiosidade dos pesquisadores e é, ainda, pouco conhecida pelo povo do Maranhão. Há muitas outras estórias bonitas sobre os voduns e seus devotos na velha Casa Grande das Minas Jeje da Rua de São Pantaleão, onde também são cultuados voduns nagôs, da família de Badé Quevioçô, que, na Casa, são mudos e falam apenas por sinais, traduzidos pelos voduns mais novos os toquens ou toquenos.

Nochê Sobô, chamada de Iansã pelos Nagô, é considerada a mãe dos voduns dessa família. Representa o raio e o trovão, adora Santa Bárbara e, em todo o Maranhão, é a chefe dos terreiros de Mina. Badé Quevioçô se transformou no corisco e se encantou numa pedra de raio. Há uma dança simulando uma luta de espadas que representa uma briga do vodum Toi Liçá, o Sol, contra Toi Badé, o raio. Eles são apartados pela mãe Nochê Sobô e se abraçam.

Os voduns mais novos da família são Toi Averequete, simbolizado pela estrela cadente que caiu nas águas do mar e procura a irmã Nochê Abe, que se encantou numa pescada. Abê corresponde a Iemanjá dos Nagô. Averequete adora São Benedito e gosta de Tambor de Crioula. Sobô, que é a fundadora dos terreiros de Mina, encarregou Averequete de guiar e abrir as cerimônias de culto e trazer os caboclos para os outros terreiros do Maranhão.

Dizem que os voduns nagôs não falam na Casa das Minas para não revelar aos Jeje os segredos dos Nagô. Suas cantigas são diferentes e lembram as da Casa de Nagô. Suas vodunsis não podem chefiar a Casa das Minas, pois eles são hóspedes de Toi Zomadonu. Entre os Jeje, os Nagôs são voduns dos astros e dos raios, que protegem dos ventos e de grandes tempestades. Para eles, são oferecidos galinha e peixe sem escamas, como peixe serra e bandejada. Eles não comem arraia, cação e pacamão.

Na Casa das Minas são cultuados e conhecidos cerca de 45 voduns e quinze entidades femininas infantis denominadas tobossis ou meninas, relacionadas ao culto das princesas. Cerca de metade das entidades cultuadas na Casa pertence à família de Davice, a família real do Daomé. Pesquisas de Otávio Eduardo e Pierre Verger, realizadas nas décadas de 1940 e 1950, identificaram cerca de vinte divindades cultuadas na Casa das Minas como pertencentes à dinastia que governou o Reino do Daomé entre início do século XVII e fins do século XVIII.

Verger apresentou a hipótese, confirmada em 1985 por *experts* da UNESCO, de que a rainha Na-Agontimé, viúva do rei Agonglô e mãe do futuro Rei Ghezo, foi vendida por um enteado aos negreiros e trazida para São Luis, no Maranhão, onde se tornou conhecida como Mãe Maria Jesuína, de Toi Zomadonu, que fundou a Casa das Minas e introduziu o culto dos voduns do Daomé no Brasil. Zomadonu é considerado o vodum mais poderoso do Reino Fon em Abomey e seu nome significa “não se põe o fogo na boca”, que traduz a importância dos segredos para essa religião.

Os voduns da família de Davice são nobres, reis e príncipes. Foram os que fundaram a Casa e receberam outros voduns como hóspedes. Essa família é chefiada pela grande mãe ancestral mítica dos Davice - Nochê Naé -, conhecida na Casa como Sinhá Velha, que nunca teve filhas dançantes, a quem todos obedecem e sobre a qual se deve falar pouco. É a dona da cajazeira, árvore sagrada que centraliza os rituais do culto. Pode ser comparada a uma das “Iami Oxorongá”, divindades secretas dos Yorubás ou Nagô na Nigéria, invocadas no culto ao poder feminino com o uso das máscaras Geledès. As Iami, cujo nome é proibido falar alto, são seres arcaicos que não incorporam nos devotos, são tratadas com grande respeito, invocadas como pássaros e representam o poder místico das mulheres sobre o qual se evita falar.

A família de Davice é dividida em dois clãs ou linhagens. O primeiro é o de Zomadonu, o chefe da Casa. Foi o vodum protetor da fundadora e das primeiras mães do terreiro. Veio para organizar o culto e todas as festas começam com reverências a ele. É considerado um rei, teve quatro filhos, entre os quais os gêmeos Nagono Toçá e Nagono Tocé. O outro ramo da família é chefiado por Toi Dadarrô, o vodum mais velho da família real que teve vários filhos, entre os quais a princesa Nochê Sepazim, devota do Divino Espírito Santo em cuja homenagem se realiza, anualmente, na Casa das Minas, a Festa do Divino.

Dadarrô tem outros filhos como os príncipes Doçu e Bedigá, cuja história tem semelhanças com a de Esaú e Jacó do Antigo Testamento. Doçu é o herdeiro do trono, mas é um jovem boêmio, farrista e poeta, compositor e tocador, muito alegre, simpático e tem filhos com muitas mulheres. Vive no mundo viajando em um cavalo branco, como o de São Jorge, sendo equiparado ao orixá Ogum dos Nagô e comemorado, na Casa, no dia de Reis, em 6 de janeiro. Seu irmão Bedigá é também cavaleiro e dança com um chicote ou rebenque. Ele ficou com a coroa do irmão de quem é muito amigo.

As tobossi são entidades femininas infantis que eram recebidas pelas vodunsis gonjá, filhas-de-santo que haviam se submetido aos rituais completos de feitoria ou iniciação. As tobossi não vieram mais na Casa desde a década de 1970, quando morreram as últimas mães preparadas como gonjá. Elas eram pequenas princesas que brincavam com bonecas, falavam em língua diferente, davam nomes africanos às vodunsis, usavam vestes especiais com muitos enfeites e pano da costa africano sob manta de miçangas coloridas, carregavam uma trouxa de pano na cabeça e seu transe durava vários dias. Seu culto continua ainda hoje na cidade de Abomei, antiga capital do Reino do Daomé, hoje República do Benin.

Como a sociedade mudou muito, é difícil manter hábitos e costumes antigos e rígidos e não se pode prever se essa comunidade religiosa de afro-descendentes permanecerá funcionando ainda por muito tempo, pois atualmente existem poucas vodunsis idosas que dão continuidade ao complexo culto aos voduns na Casa das Minas.

#### Referências:

- BASTIDE, Roger. *As Américas negras*. São Paulo: Difel/Edusp, 1974. (Original de 1967).
- \_\_\_\_\_. *O candomblé da Bahia*. (Rito nagô). 3. ed. São Paulo: Nacional, 1978. (Col. Brasiliana, 313). (Original, 1958).
- \_\_\_\_\_. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1971. 2v. (Original, 1960).
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia*. Um vocabulário Afro-Brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A Língua Mina-Jeje no Brasil*. Um falar africano em Ouro Preto do século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Secretaria de Estado da Cultura, 2002.
- EDUARDO, Octávio da Costa. *The Negro in Northern Brazil: a study in acculturation*. New York: J. Augustin Publisher, 1948.
- FERRETTI, Sergio F. *Querebentã de Zomadonu*. Etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1996 (Original, 1983).
- \_\_\_\_\_. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: EDUSP/FAPEMA, 1995 (Original, 1991).

- \_\_\_\_\_. Voduns da Casa das Minas. In: MOURA, Carlos Eugênio M. de, (Org.). *Culto aos Orixás. Voduns e Ancestrais nas Religiões Afro-Brasileiras*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, pp 197-224, (Original, 1989).
- FICHTE, Hubert. Die Pflanzen der Casa das Minas. *Ethnobotanik*, Sonderband 3/85: 241-248. 1985.
- \_\_\_\_\_. *Das Haus der Mina in São Luíz de Maranhão*. Materialien zum Studium des Religiösen Verhaltens. Zusammen mit Sérgio Ferretti. Frankfurt: S. Fischer, 1989.
- GLÈLÉ, Alfred Kpansodji Ahanhanzo. O Vodum na Cultura do Danxomé e sua implantação nas Américas. In: *Culturas Africanas*. Documentos da Reunião de Peritos sobre “As Sobrevivências das Tradições Religiosas Africanas nas Caraíbas e na América Latina. São Luís, 24-28 junho 1985. UNESCO, Paris: 1986, pp 337-347.
- GLÈLÈ, Maurice Ahanhanzo. *Lê Danxomé*. Du Pouvoir Aja à la Nation Fon. Paris: Núbia, 1974.
- LOPES, Edmundo Correia. *A escravatura: subsídios para a sua história*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1944.
- \_\_\_\_\_. O kpoli de mãe Andresa. *O Mundo Português*. 9 (100): 139-44, abr. 1942.
- \_\_\_\_\_. Os trabalhos de Costa Peixoto e a Língua Ewe no Brasil. In: PEIXOTO, António Costa. *Obra nova de língua geral de mina*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1945. p. 40-67. Manuscrito publicado por Luís Silveira.
- \_\_\_\_\_. Vestígios da África no Brasil. *O Mundo Português*. 6 (63): 109-21, mar. 1939.
- \_\_\_\_\_. A propósito da Casa das Minas. *Atlântico, Revista Luso-Brasileira*. Lisboa; 1947. p. 78-82. Reeditado In: PEREIRA, M. Nunes, *A Casa das Minas*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 215-21.
- PARÉS, Luís Nicolau. O triangulo das Tobossi uma figura ritual no Benim, Maranhão e Bahia. In: *Afro-Ásia*. Revista do Centro de Estudos Afro-Orientais/ UFBA. Nº 25-26. Salvador: 2001, p. 177-213.
- \_\_\_\_\_. Transformações dos voduns do mar e do trovão na área Gbe e no Candomblé Jeje da Bahia. In: MOURA, Carlos Eugênio M. de (Org.). *Somavo*. O Amanhã nunca termina. Novos escritos sobre a religião dos voduns e orixás. São Paulo: Empório de Produção, 2005. pp 34-62.
- \_\_\_\_\_. *A Formação do Candomblé*. História e ritual da nação jeje na Bahia. São Paulo: Ed. Unicamp, 2006.
- PEREIRA, Manuel Nunes. *A Casa das Minas; culto dos voduns jeje no Maranhão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979 (Original, 1947).
- VERGER, Pierre. Le culte des voduns d'Abomey aurait-il été apporté à Saint-Louis de Maranhon par la mère du roi Ghézo? In: LES AFRO-AMERICAINS. Dakar; IFAN. 1952. p. 157-60 (Mem. IFAN, 27).
- \_\_\_\_\_. Uma rainha africana mãe-de-santo em São Luís. São Paulo: *Revista USP*, 6:151-158. jun-ago 1990.

São Luís, 12 de novembro de 2007.